



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/regeneracao-por-meio-da-fe/>

Regeneração por meio da fé: a atuação da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce no contexto do crime-desastre da Samarco

Amanda Kapiche Brito [1]

RESUMO: O rompimento da barragem de Fundão-MG, na tarde do dia 05 de novembro de 2015, ainda ecoa os desdobramentos das camadas de lama administradas pela mineradora Samarco. Com enfrentamentos feitos por diferentes esferas possibilitou o surgimento da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, um movimento que mescla a fé espiritual-religiosa com a luta e reivindicação por justiça socioambiental. Com um forte simbolismo, a cerimônia denuncia as mortes e ressalta as mobilizações em prol da regeneração. Somando diversos coletivos, para além das dioceses católicas, essa mística espiritual encarrega-se da missão de “cuidar do próximo como a ti mesmo”, entendendo esse próximo como as águas, os territórios e seus habitantes, humanos e não humanos. Assim, partindo de discussões da antropologia, foi feita a análise das seis cartas-convites das Romarias, de modo a compreender os sentidos, usos e significados atribuídos às águas da memória do passado e na construção do presente e do futuro. Portanto, a inserção dessa Romaria na luta contra a mineração ultrapassa o caráter religioso e destaca-se como outra estratégia de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Crime-desastre. Fé. Romarias. Compromissos. Regeneração.

Regeneration through faith: the performance of the Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce in the context of the crime-disaster of Samarco

ABSTRACT: The rupture of the Fundão-MG dam, in the afternoon of November 5, 2015, still echoes the unfolding of the layers of mud administered by the mining company Samarco. With confrontations made by different spheres enabled the emergence of the Romaria das Águas e da Terra do Rio Doce Basin, a movement that mixes spiritual-religious faith with the struggle and claim for socio-environmental justice. With a strong symbolism, the ceremony denounces the deaths and highlights the mobilizations for regeneration. Adding several collectives, in addition to



the Catholic dioceses, this spiritual mystic takes charge of the mission of "taking care of your neighbor as yourself", understanding this neighbor as the waters, the territories and their inhabitants, human and non-human. Thus, starting from discussions of anthropology, the analysis of the six letters-invitations of the Pilgrimages was made in order to understand the meanings, uses and meanings attributed to the waters of memory of the past and in the construction of the present and future. Therefore, the inclusion of this pilgrimage in the fight against mining goes beyond the religious character and stands out as another strategy of resistance.

KEYWORDS: Crime-disaster. Faith. Pilgrimages. Commitments. Regeneration.

Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam.
Sejamos água, em matéria e espírito, em
nossa movência e capacidade de mudar de
rumo, ou estaremos perdidos.

(Ailton Krenak, *Futuro Ancestral*, 2022, p. 14-15)

Introdução

No dia 05 de novembro de 2015, um dos maiores crimes socioambientais envolvendo atividades de mineração aconteceu no Brasil: o rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais, administrada pela mineradora Samarco S.A, junto das suas acionistas Vale e BHP Billiton, contabilizou uma enxurrada de aproximadamente 60 milhões de metros cúbicos de rejeitos, os quais continham uma série de elementos da tabela periódica como ferro, manganês, cromo, cobre, zinco, alumínio, cádmio e cobalto (Creado, 2022).

A rota da destruição feita pela lama que, posteriormente, desaguou no mar levou à perda de 19 vidas humanas e incontáveis não humanas, carregou inúmeras memórias de pessoas e seus vínculos desde a alimentação, as atividades de trabalho, lazer, espiritualidade e esporte, como o surf. Durante o percurso que envolveu os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, os modos de vida foram extintos deixando o medo da contaminação, o pavor dos metais pesados e a reação que eles poderiam causar nos corpos humanos e não humanos, quando em contato com os mananciais de água. A mutabilidade deixada pela lama continuou a modificar de forma nostálgica, melancólica



e incerta distintos aspectos das vidas compartilhadas, principalmente, os aspectos subjetivos e íntimos, que, por maiores que sejam as tentativas, não conseguirão reparar os danos envolvendo práticas espirituais como batismos e ritos de curas.

Prestes a completar dez anos da marcação do rompimento, os desdobramentos desse crime-desastre [2] que, em sua maioria, continuam em curso, como o prolongamento de demandas técnico-jurídicas, a negligência com os processos de recuperação das águas, além do apagamento simbólico do assunto nos meios comunicacionais (Brito, 2022). Essa setorização das pautas para diferentes esferas de discussões visou repassar uma imagem resolutiva sobre o ocorrido, tendo como exemplo a volta das atividades da mineradora em 2020 e suas tentativas de propagandear suas ações de mitigação de danos.

Apesar das variadas tentativas de justificar as impunidades, seja por parte das mineradoras, seja por parte do Estado, as vidas atingidas não deixaram de se organizar política e estrategicamente para lutar por seus direitos envolvendo a reparação integral e a restituição dos seus modos de vida perdidos. Essas lutas envolveram processos de regeneração, ou seja, uma junção de relações multiespécies e projetos de fazer-mundos (Tsing, 2022), de modo que a Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce configura-se como um desses arranjos situados na colaboração do encontro como possibilidade de enfrentamento.

Entendendo os encontros e suas diferentes atuações em conjunto, é importante para o caso aqui explicitado o que considera-se como espiritualidade e religiosidade, visto que a instauração e organização dessa Romaria é feita por setores progressistas da Igreja Católica Romana estruturada por meio das dioceses [3] mineiras e capixabas atuantes desde o início do rompimento dando suporte às vítimas. Assim, situando-se sobre todo o contexto do rompimento da barragem que culminou em contaminação das águas e dos solos, a espiritualidade, neste trabalho, é entendida como contemplação da saúde humana como um fator intrínseco para pensar sobre a mitigação de danos, visto que em 1984 a Organização Mundial da Saúde instituiu que a saúde humana dependia da dinâmica completa entre bem-estar físico, mental, espiritual e social (Foster, 2023). Seguindo a lógica do cuidado, a espiritualidade e a religiosidade seriam a capacidade de conferir sentido à realidade e vivenciar a experiência religiosa por meio da transformação de valores e comportamentos, respectivamente (Teles, 2019).



É o cuidado para além do especismo humano, é o cuidado para com outras formas de vida. Para que eu possa estar vivo e saudável, o solo ao meu redor precisa estar vivo e saudável. O ar ao meu redor precisa estar saudável. Para que a minha vida seja plena na cidade onde eu vivo, os rios precisam viver de forma plena na mesma cidade. Os rios precisam ser tratados como cidadãos com direito integral à cidadania. A minha saúde depende da saúde dos rios, da mesma forma como dependem disso a saúde e o bem-estar das gerações vindouras. (Taddei, 2024, p. 90).

Dessa forma, esses conceitos que permeiam as práticas da Romaria e as suas formas de comprometimento em cuidar das águas se ramifica para um modo de vida baseado em biointerações (Santos, 2023), ou seja, cada ser vivo está interconectado porque compartilham as habitações no mundo. Com isso, a fé e as celebrações contribuem no reconhecimento de que a sobrevivência depende dessas colaborações humanas e não humanas (Tsing, 2022), ao transcender essas relações também a seres espirituais-religiosos.

Situada no campo da antropologia, especialmente nas discussões sobre as relações entre naturezas e culturas [4], bem como em outras áreas das humanidades, esta pesquisa teve como foco a análise de seis cartas-convite das Romarias das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, realizadas entre 2016 e 2023. Além desses documentos, também foram considerados materiais audiovisuais das procissões e dos seminários realizados ao longo do período. Como as Romarias têm caráter itinerante — com cada edição ocorrendo em uma localidade diferente —, as análises seguiram simbolicamente o percurso do rio, de suas nascentes em Minas Gerais até sua foz no Espírito Santo. Assim, a pesquisa acompanhou o trajeto da lama decorrente do rompimento da barragem, refletindo sobre as ações nas localidades mineiras afetadas pela mineração e pela poluição dos mananciais, até culminar na cerimônia de 2023, em Regência Augusta, na foz do Rio Doce.

A criação das Romarias anuais em defesa das Águas e da Terra está profundamente vinculada ao contexto espiritual e religioso mineiro. Nesse sentido, a pesquisa buscou destacar especialmente as comunidades localizadas nas proximidades da barragem de Fundão, como Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, que foram completamente devastadas pelo desastre. Embora a maioria das cidades mineiras que sediaram as edições da Romaria não tenha sido diretamente atingida pelo rompimento da barragem, essas duas localidades tornaram-se símbolos centrais das relações entre



o catolicismo, outras expressões de religiosidade e as experiências de luto, resistência e reconstrução que marcaram o contexto do crime-desastre de Mariana.

Ademais, o artigo está estruturado em duas partes intrinsecamente relacionadas: a primeira apresenta uma contextualização da simbologia das águas em diferentes dimensões espirituais-religiosas, de modo a conectar com a importância dos patrimônios religiosos nas diferentes localidades que tiveram contato com a invasão da lama da Samarco. Já a segunda parte refere-se ao conteúdo das cartas-convites que convocam fieis e demais pessoas à luta contra a mineração a partir de um tratado cosmológico, ou seja, firmando compromissos de cuidado por meio da coletividade agregada de maneira eventual, reunindo assim maneiras distintas de fazer intervenções na realidade por meio da intenção de valores em comum, como a partilha por um só planeta e a intenção de prover possibilidades de futuros para as gerações seguintes.

Águas, fé e patrimônio religioso nos territórios atingidos

A presença das águas em forma de rios, riachos, lagos, lagoas e mares sempre foram convites para que comunidades habitassem suas imediações. As águas sempre foram símbolos de fartura, abundância e fertilidade, condensando sempre o pressuposto de mais vida. Com essas relações que foram sendo construídas por meio dos fluxos, habitações e compartilhamentos foi-se criando sentidos para além dos práticos envolvendo a manutenção da vida humana, de modo a aprofundar os vínculos com esses outros mundos com intimidade, em forma de parentescos, honrarias e mistérios.

Seus diversos simbolismos ganharam distintos significados que permeiam os diferentes ritos religiosos ao longo das histórias dos povos pelo mundo. Com o papel de purificar, curar, renascer e proteger configura-se para além de um elemento, conhecido como H₂O pela ciência, pois suas existências se expandem para diferentes dimensões, como Uatu, o rio-avô conselheiro para o povo Krenak, como Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora dos Navegantes que desde suas primeiras aparições e homenagens possuem as águas e a relação dos pescadores como cenário, como entidades como os caboclinhos d'água relatados por ribeirinhos à margem do Rio Doce, ou como divindades cultuadas por religiões afro-brasileiras como Iemanjá e Oxum. Há também outras



figuras que possuem com as águas relações importantes nesses territórios, como o herói Caboclo Bernardo, em Regência Augusta- ES, o qual salvou 128 tripulantes e teve seu ato de altruísmo reconhecido a nível nacional, sendo premiado pela princesa Isabel. É por meio desses outros envolvimento que fica nítido que a água convoca diferentes símbolos para tecer narrativas.

Entretanto, essa relação de respeito nutrida pelos povos cosmológicos (Santos, 2023), constantemente, vem sendo atacada por aqueles que só buscam o dinheiro. Os simbolismos das águas presentes nas diversas práticas espirituais-religiosas foram, gradualmente, inseridos na lógica da guerra de mundos (Júnior; Zardo, 2021) de forma a criar polaridades entre água-mercadoria e água-vida. Com discursos que visam uma modernidade pela lógica do progresso que explora, coisifica e separa a natureza em meros objetos, o encantamento de co-habitar e fazer-com (Haraway, 2016) junto aos não-humanos é desvalorizado, visto que não os reconhecem como autores da vida na Terra e, por isso, fazedores e pertencentes à cultura.

E, tratando sobre o contexto do rompimento da barragem de Fundão-MG, cada comunidade atingida teve seus afetamentos emocionais-e-práticos (Silva, 2018) envolvendo as águas e os contextos institucionais-religiosos de formas distintas, pois as intrusões nos territórios envolvendo os grandes empreendimentos e, posteriormente, a explosão dos conflitos socioambientais tiveram variáveis características em cada localidade. Assim, as formas de enfrentamento para regenerá-las também formaram diversas assembleias, no sentido que Anna Tsing (2022) atribui ao termo, sendo agrupamentos abertos que além de reunir formas de vida, também as criam.

É pertinente ressaltar as diferenças em relação ao contexto espiritual-religioso que as comunidades atingidas se situam, principalmente, as das localidades em que a maior parte das edições das Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce foram sediadas, visto os modos de relação tecidos com o patrimônio religioso e com a instituição da Igreja Católica Romana. A importância dada pelas comunidades mineiras às igrejas e capelas está relacionada ao ciclo do ouro que aconteceu no século XVIII, de modo que foi nesse período que ocorreu a chegada e a disseminação de confrarias e irmandades [5] pela extensão do estado mineiro. A construção de muitas igrejas aconteceu por meio da união desses homens organizados com ideais e interesses em comum, além da devoção aos santos homenageados nas capelas construídas.



A relevância disso se torna ainda mais evidente nas celebrações tradicionais de muitas comunidades que congregam algumas dessas santidades como padroeiros dos territórios: São Bento, Nossa Senhora das Mercês, Santo Antônio e Nossa Senhora da Conceição — santos e santas que simbolizam a proteção das comunidades como Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo e Gesteira, as quais foram completamente devastadas pela lama. Além disso, as atividades espirituais-religiosas são localizadas no coração dessas vilas, de modo que o planejamento arquitetônico destacam como essas instituições são importantes para além da esfera sagrada, visto que reúnem ações sociais, políticas e econômicas que dizem respeito à vida das comunidades e suas imediações.

Isso está diretamente relacionado ao papel desempenhado por setores progressistas da Igreja Católica Romana, especialmente aqueles ligados à Teologia da Libertação [6] a partir da década de 1960, na sociedade brasileira. Esses setores atuaram de forma significativa em áreas como saúde, educação e assistência social. Embora a presença inicial da Igreja no Brasil tenha se dado no contexto da colonização, marcada pela catequização forçada dos povos originários e por diversas formas de violência, suas ações posteriores nos meios pastorais rurais permitiram o estabelecimento de diálogos com as lutas camponesas e com movimentos sociais de base (Silva, 2015). Com isso, a Igreja também exerceu influência nas resistências e mobilizações ocorridas durante o período da Ditadura Militar (1964–1985) no país (Teixeira, 2022). Os estudos de Souza (2016) e Rollemberg (2021) contribuem de maneira relevante para compreender o engajamento dessas frentes católicas na promoção de ações de mobilização, celebração e denúncia, especialmente por meio da mística presente nas romarias, utilizadas como formas de luta contra a violação ou negação dos direitos do povo em diferentes regiões do Brasil.

Um exemplo dessas influências no contexto do crime-desastre da Samarco, foi o fato da Arquidiocese de Mariana mobilizar mutirões de solidariedade em conjunto ao Movimento dos Atingidos por Barragens [7] construir um plano de ação para atender as vítimas do rompimento no que fosse necessário.

Assim que recebi a notícia do rompimento da barragem de Fundão, imediatamente convoquei os padres das paróquias do município de Mariana para definirmos as medidas a serem adotadas diante daquela



dramática situação. Logo percebemos que não se tratava de uma catástrofe provocada pela natureza e sim de uma tragédia causada pela mão humana, o que significa que os responsáveis deveriam assumir as responsabilidades que lhes cabiam e arcar com as graves consequências advindas desse que é considerado o maior crime ambiental ocorrido no Brasil. Uma questão ficou logo claramente definida: a Arquidiocese de Mariana coloca-se decidida e claramente a favor das pessoas atingidas, comprometendo-se com sua causa e defendendo seus direitos. (Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo Emérito de Mariana, *A Sirene*, 2021, p. 12).

A arquidiocese designou-me como seu representante institucional. Todos queriam conversar também com a Igreja - que também foi atingida e é importante dizer isso. A igreja foi atingida, em primeiro lugar, no seu patrimônio mais rico e importante, que é o povo; depois nos seus bens com destaque para a igreja do século 18, da comunidade de Bento Rodrigues. A arquidiocese tornou-se, assim, uma interlocutora para ouvir e colocar as condições dos atingidos diante daqueles que tinham responsabilidade pública com a vida das pessoas diante desse crime. Concomitantemente, a arquidiocese se preocupou com a assistência espiritual dos atingidos e atingidas. E qual era nossa grande preocupação? Que não se desfizessem nem se enfraquecessem os laços comunitários e familiares dos atingidos. Imediatamente, foi designada uma capela em Mariana para que ali a comunidade pudesse se reunir e celebrar sua fé. (Pe. Geraldo Martins, pároco da Paróquia São João Batista (Viçosa-MG), *A Sirene*, 2021, p. 12).

O posicionamento da Igreja em prover suporte para os atingidos, bem como pressionar a justiça para a criminalização das culpadas pelo rompimento desde o início do ocorrido, revela aspectos que articulam a religiosidade no meio político, visto a morosidade do Estado, a falta da efetividade das legislações ambientais e suas devidas fiscalizações, bem como o despreparo em agir no cenário emergencial que foi dado. O que configura-se como um duplo desrespeito, se tratando de comunidades que possuem uma relação tão íntima com a fé e com as águas que compartilham essas ambiências. Assim, além das perdas envolvendo os modos de vida, postos de trabalho, saúde e segurança, o âmbito espiritual foi atingido com a perda dos mananciais aquáticos que se entrelaçam com a comunhão entre fieis, bem como com a depredação dos patrimônios materiais sagrados, desde a estrutura das capelas e igrejas, como também pela perda das imagens dos santos, instrumentos e fotografias.

Se nas imediações onde ocorreu o rompimento da barragem as igrejas católicas possuem características bem marcantes envolvendo desde a construção até o cuidado, zelo e manutenção



das capelas e igrejas, a força de atuação, alcançando a extremidade do Rio Doce, na localidade de Regência Augusta, no Espírito Santo, apresenta outras nuances com o catolicismo. Por se tratar de uma vila com origens indígenas e africanas, em que os principais engajamentos envolvem a relação com as águas, como a pesca, o surf, a conservação das tartarugas, o lugar que acolhe o encontro do Rio Doce com o mar, possui uma identidade étnico-religiosa inserida dentro de um catolicismo popular, como é elaborado no trabalho de Hauley Valim (2008). Com essa delimitação de fronteiras para a instituição da Igreja Católica e a autonomia dos moradores, outras práticas foram sendo inseridas na dinâmica social da comunidade, como o congo junto das homenagens ao padroeiro São Benedito e ao herói Caboclo Bernardo, os quais marcam o pertencimento e nutrem a fé dos moradores da vila.

É interessante observar que, nos diferentes casos analisados, a fé atua como elemento integrador entre águas, ritos e territórios, formando uma mística vivenciada por seres humanos e não humanos que compartilham a vida em suas múltiplas dimensões — seja nas celebrações festivas, seja nas lutas contra a mineração. Essa vivência espiritual e comunitária contribui para a construção de movimentos que assumem compromissos pessoais e coletivos voltados ao cuidado (Ballestero, 2018) com a água e com a Terra, compreendida como a “casa comum”.

Das cartas-convites aos seminários da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce

Em 05 de junho de 2016, Dia Mundial do Meio Ambiente e sete meses após o crime-desastre, foi realizada a primeira Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, na cidade de Resplendor, em Minas Gerais. O evento foi promovido pela Arquidiocese de Mariana, em conjunto com diversas dioceses situadas ao longo da Bacia do Rio Doce, contando com o apoio de organizações como a Cáritas Diocesana, o Fórum Permanente em Defesa da Bacia do Rio Doce, a Fetaemg, a Via Campesina e as Comunidades Eclesiais de Base. A romaria teve como tema central direcionador a frase: “Bacia do Rio Doce, nossa casa em comum”. Por meio de uma carta-convite, os fiéis foram convocados a se unir na luta contra a destruição ambiental e a exploração econômica. A celebração, organizada em forma de procissão, expressava um ato de fé e resistência em defesa



das águas e dos solos, profundamente afetados pela devastação causada pela mineradora Samarco S.A. e suas acionistas, Vale S.A. e BHP Billiton, nas vidas humanas e não humanas atingidas.

Com um tom de clamor espiritual e judicial, o movimento já demarcava a sua missão a “corresponsabilidade de todos frente à vida ameaçada”, lema esse que convocava e provocava sobre a capacidade de resposta (Haraway, 2011) das mineradoras diante da magnitude operada com o rompimento, bem como as elaborações construídas pelos coletivos presentes. Com fortes críticas ao sistema econômico vigente, a carta destaca a preocupação com as gerações (humanas) atuais e futuras em devolver um Rio Doce carregado de vida e não de morte, visto que a previsão de resoluções para os desdobramentos eram calculados, aproximadamente, de 15 a 20 anos para recuperação das águas e demais áreas degradadas.

Assim, nessa primeira edição, uma multiplicidade de emaranhados existenciais organizaram esse ritual marcado por ações coletivas, datas, periodicidade, organização desde a preparação, divulgação e realização, bem como a variação de conteúdos e formatos (Rollemberg, 2021) para processar de outros modos os atravessamentos de tantas incertezas (Silva, 2018) marcadas pelas ondas de lama, como bem conceitua Eliana Creado e Stefan Helmreich (2018):

A onda de lama é, simultaneamente, mais do que uma descrição física e mais do que uma simples metáfora. É mais do que uma descrição física porque a onda é uma figura simbólica que opera uma força que se move ininterrupta e lentamente através do espaço e do tempo, rapidamente levando à reformulação dos sentidos e percepções de passado, presente e futuro das pessoas. É mais do que uma metáfora porque a propagação física da lama (seja ela referida como onda, pluma, turbidez ou camada) resultou em desastre ecológico e também fomentou mobilizações políticas coletivas, como protestos e manifestações populares (LOSEKANN, 2017). A onda, então, constituiu-se em veículo para rupturas materiais-simbólicas e para a contaminação, o que se dá de maneiras distintas para diferentes constituintes. (Creado; Helmreich, 2018, p. 263).

Com as reformulações operadas pela força das ondas de lama, a Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce instiga a cada localidade em que é sediada, o olhar atento sobre possibilidades de fazer denúncia a partir das explorações corriqueiras nos territórios. De modo que os afetos intimados nesse contexto referem-se aos atravessamentos que diminuem (ou aumentam) a potência de agir dos corpos (Moreira, 2023) frente aos desdobramentos causados.



Exemplo disso foi dado com a carta-convite da segunda edição, a qual foi iniciada com um trecho da *Laudato Si* [8], a carta papal de 2015 abordava sobre os direitos sagrados, o qual refere-se ao direito à terra, ao teto e ao trabalho para todos/as os/as irmãos e irmãs. Com o lema “Povos, Terra e Águas clamam por Justiça!”, o local que foi sediado contemplava o bioma da Mata Atlântica e possuía a cultura do café como maior atividade exploradora, sendo destacado a importância da implementação de novas alternativas com uso da agroecologia e da produção orgânica.

A cada edição das Romarias das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce foram sendo criadas “uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento” (Ingold, 2012, p. 27), visto que a itinerância das ações coletivas ajudam a refletir e propor aspectos sobre as demandas das localidades. Ao criar pontes entre uma evangelização ecológica sobre o contexto das realidades vividas, ao mesmo tempo que as convoca para somar forças ao enfrentamento contra a mineração causadora do crime-desastre em Mariana-MG, a monocultura, o uso de técnicas agressivas aos solos e às águas possibilita o viver multiespécies (Tsing, 2022).

Com o passar dos anos, o ritual foi crescendo e ganhando mais adeptos, visto que na terceira edição contou com a presença de mais de 5 mil pessoas. O tom de ira profética e celebração mística-cultural que envolveu músicas e gritos de protesto, cruzeiros fincados, plantação de mudas e muitos reencontros. A mística como palavra e ato, pensamento e emoção (Souza, 2016) teve seu encerramento com uma missa feita pelo arcebispo de Mariana, Dom Geraldo Lírio, o qual relembrou a memória da destruição iniciada pela colonização contra os povos indígenas e quilombolas, os quais sofrem até hoje com as consequências da invasão. Também encorajou todas as pessoas presentes a não permitirem o silenciamento:

Não podemos silenciar diante de governos e de órgãos públicos que se omitem em fiscalizar os grandes empreendimentos minerários. Mais uma vez denunciemos o desrespeito aos direitos dos atingidos pelo crime que sacrificou o Rio Doce. A tragédia do rompimento da barragem de Fundão mostrou a vulnerabilidade da legislação ambiental. (Gilvander, 2018, n.p.).

A memória que busca-se evitar do passado colonial é lembrada pelo embate vindo da Igreja, o que soa pertinente, visto que a Igreja Católica também faz parte do histórico colonial, apesar de ter atuações outras envolvendo o assistencialismo, como destacado em tópicos anteriores. Com tal fato, a presença nas lutas ecológicas confere uma manutenção da relevância das atuações



espirituais-religiosas envolvendo as questões atuais, e, como consequência, produz novas realidades com essas falas e discursos. Exemplo disso, foi a carta-compromisso adicionada durante a procissão da terceira Romaria e assinada por cada pessoa presente. Nessa carta foram denunciados seis pontos, sendo eles a dependência da mineração, a negligência de fiscalização dos empreendimentos minerários, o desrespeito aos direitos dos atingidos/as, a maneira estrategista das empresas em sonegar informações aos atingidos/as, morosidade das ações de reparação e recuperação social e ambiental da Bacia do Rio Doce e a atuação da Fundação Renova.

Na época da quarta edição, que aconteceu em Itabira-MG, no ano de 2019, com o lema: “Vão-se os bens da Criação, ficam miséria e destruição! E agora José?” teve como objetivo retomar a ideia de “terra prometida”, leis divinas sobre o uso dessa terra e os prejuízos acometidos caso essas leis não fossem cumpridas. Com isso, a carta assume um caráter de conversão ecológica somada a uma construção de projeto coletivo de vida em que os direitos sob condições dignas são reivindicados (Souza, 2016), bem como o trecho indica:

Somos um povo peregrino, povo em romaria, em busca da terra prometida, construtor do reinado de Deus, que é um reino “de justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14, 17). Por isso caminhamos na força de um sonho maior, solidário com todas as pessoas que têm “fome e sede de justiça”, a justiça do Reino, sempre por ser atingida e realizada. Trazemos nossa solidariedade com todas as vítimas dos acidentes/crimes socioambientais provocados pelas empresas mineradoras em nossa Minas Gerais e outras regiões deste planeta, anunciando-lhes uma boa notícia: “felizes os que choram”. Suas lágrimas fecundam toda criação, pois, “também a própria criação espera ser libertada da escravidão da corrupção, em vista da libertação que é a glória dos filhos de Deus” (Romanos 8, 21). (Brasil, 2019, n.p.)

A fé na vida em busca de justiça pelas mortes assume o papel de ser um esforço para a superação do sofrimento, visto que inclui reza, reflexão e denúncias contra as problemáticas da mineração. Com isso, a reconciliação propiciada é o reconhecimento do próximo, sendo ele humano e não humano, todos obras da criação divina, visto que as águas que os compõem interliga a um compartilhamento comum, logo uma interdependência sobrevivente.

Um exemplo dessa interdependência dos seres ficou evidente com a interrupção da romaria nos anos de 2020 e 2021, causada pela pandemia de Covid-19. Como medida sanitária, foi adotado o



isolamento social, o que impediu que os romeiros se reunissem de forma tradicional. Apesar disso, os meios digitais foram utilizados para organização das lutas e realização de missas por meio de transmissões ao vivo, bem como aconteceu com as festas tradicionais nos territórios mineiros atingidos (Alves; Santos; Silva, 2020).

O retorno da romaria só foi possível acontecer em 2022, na localidade de Conceição do Mato Dentro-MG — região marcada pelo crescimento da atividade minerária e pela monocultura de eucalipto, padrão que também afeta as localidades próximas das margens do Rio Doce, como em Aracruz e Regência Augusta, no Espírito Santo — a carta-convite da quinta edição destacou os impactos ambientais e sociais causados pela extinção ou degradação de inúmeras nascentes, a devastação de matas e a violação de direitos das comunidades.

Além de prestar solidariedade às famílias enlutadas pela pandemia, organizou a indignação pela demora na reparação e pelo processo de repactuação estar sendo feito sem a participação efetiva das pessoas atingidas. Fundamentada na busca pela regeneração, a romaria como um processo que invoca dispositivos de sensibilização pautados em uma mística (Rollemberg, 2021) busca agregar a ideia de circularidade (Santos, 2023), a qual baseia-se na continuidade que os ciclos possuem, sendo “começo, meio e começo”, seja em perpetuar o legado construído pelas comunidades, criando novas formas de viver apesar das ruínas (Tsing, 2015), seja denunciando a mineração e suas dinâmicas de tempo-ritmo impostas.

Essa edição da Romaria foi gravada e disponibilizada no canal do Frei Gilvander [9], de forma que foi possível acompanhar a dinâmica da cerimônia. No vídeo, consta ênfase nos cartazes com denúncias, bem como cartazes com fotos de figuras importantes para a luta por direitos, os quais não mais presentes em matéria, possuem seus legados lembrados, como Chico Mendes, Marielle Franco, Dom Luciano Mendes, Padre Gisley, Irmã Adelaide, entre outros. Já outros cartazes denunciavam: “Mineração leva a água embora” com algumas romeiras segurando cartazes sobre a morte do Rio Doce e o assassinato cometido pela Samarco, Vale e BHP; outros diziam “ACORDA! Estão mentindo para vocês. A mineração não vai trazer desenvolvimento”. A procissão também contou com a imagem de santos como São Francisco de Assis e Nossa Senhora, os quais são vistos como padroeiro da natureza e padroeira do país, respectivamente.



Ao trazer os mártires para o ato com o objetivo de homenagear, rememorar e ritualizar suas lutas (Souza, 2016) a defesa pelo direito à água, à vida e ao território ganha mais força ao enfrentamento da cosmofobia (Santos, 2023), traduzida pelo medo que justifica a dominação e exploração da natureza para manter o ideal de progresso:

Não queremos mineração nos nossos territórios! Queremos a mata, queremos o mato! Ainda mais em época de ipê, árvore essa que as empresas derrubam e implantam a devastação, violência e miséria. – Fala de uma senhora quilombola. (Gilvander, 2022, marcação de tempo 1:05:31s).

As denúncias são diretamente para o ambiente. A monocultura de eucalipto, a escavação de poços artesianos e a secagem de água. As denúncias feitas ao Ministério Público não dispõe de respostas positivas. É o Estado compactuando com as empresas, as quais afirmam que não estão causando nenhum impacto aos territórios e populações habitantes. – fala de um professor indígena Pataxó. (Gilvander, 2022, marcação de tempo 1:12:45s).

As falas denunciativas sobre o sofrimento causado pelas atividades exploradoras também manifestam as águas simbolicamente, no suor do trabalho e nas lágrimas de resistência que marcam cada crime-desastre nos territórios. E, por meio desse compartilhamento de dificuldades que a Romaria possibilita a criação de uma política do encontro (Ferdinand, 2022, p. 221) já “que visa reunir as alteridades e reconhecer um no outro algo em comum, que não pertence a ninguém.”

Com isso, a experiência pedestre disposta na caminhada da Romaria é uma forma de estar no mundo e não sobre o mundo, visto que o contato com o chão de cada localidade proporciona uma abordagem perceptiva do ambiente, um conhecer por meio dos pés (Ingold, 2015). Exemplo disso foi a passagem por um riacho que se chamava “Lava pés”, conhecido pelo hábito das pessoas lavarem os pés antes da missa devido à estrada de terra que levava à igreja. No entanto, essa prática estava impossibilitada por causa do esgoto e rejeitos de mineração despejados. Aproveitando a singularidade do local que sediou o evento em 2022, a cerimônia da Romaria incluiu em seu encerramento, o ato simbólico do lava-pés enquanto a cerimonialista demarcava os propósitos da ação:



Lavamos nossos pés hoje porque a morte não tem a última palavra. Lavamos os pés pela hipocrisia dos grandes negócios, os quais não pensam a vida, agride e mata em vista do lucro e do capital financeiro. Lavamos os pés contra toda forma de violência, bem como os crimes ambientais das mineradoras. Lavamos os pés hoje porque a vida dos nossos rios, nascentes e cachoeiras alimentam a biodiversidade. (Gilvander, 2022, marcação de tempo 15:20s).

Símbolo de humildade e disponibilidade para servir o próximo (Silva, 2024), o ato de lavar os pés possui o sentido de doar-se aos outros e fazer alianças fraternas de cuidado. A ação ultrapassa a cerimônia e gera um momento de efervescência do ritual (Rollemberg, 2021) que tem como filosofia de vida transparecer essa acolhida e compaixão na busca coletiva para suprir as necessidades do outro, irmão ou irmã. É por meio dessa lógica de solidariedade que os processos de regeneração aclamados pelos romeiros se instauram.

Seguindo essa proposta, em junho de 2023, a Romaria das águas e da Terra da Bacia do Rio Doce, que até então só tinha percorrido dioceses mineiras, foi sediada pela primeira vez no Espírito Santo, na região da Foz do Rio Doce, em Regência Augusta. A escolha buscou evidenciar as negligências e abandonos operados tanto pelo poder público, quanto pelas empresas (ir)responsáveis pela lama que inundou as vidas com sentimentos de incertezas e tristezas. O marco de mobilização também foi uma forma de não permitir o esquecimento do território em que a lama ganhou uma dimensão oceânica, de forma a reencantar o mundo e compor novas conjunturas das lutas e existências em prol das águas reunidas como políticas-poéticas (Rufino, 2019).

A abertura contou com três dias de seminários que antecederam a procissão, sediadas nas localidades capixabas como Baixo Guandu, Colatina e Linhares, realizados como parte de uma “evangelização anunciativa”, cujo compromisso era a educação, a conscientização e a realização do trabalho conjunto ao povo atingido. Assim, a Romaria se destaca como algo processual, devido ao caráter eventual que proporciona agregação, ou seja, “possibilita que as pessoas participem de formações soltas e temporárias que podem ser feitas e desfeitas de acordo com afinidades políticas, afetivas ou epistêmicas diferentes” (Ballestero, 2018, p. 5). Isso é explicitado com a presença de pessoas com diferentes cosmopercepções (Oyěwùmí, 2021), sendo que além dos bispos e demais envolvidos das dioceses e Igreja Católica havia também pastores de igrejas



evangélicas, lideranças indígenas e quilombolas, técnicos da Associação de Desenvolvimento Agrícola Interestadual (ADAI), artesãos, pescadores, além de crianças e jovens. O ponto em comum que os unia era a intenção coletiva em cuidar das águas e buscar a regeneração, reconhecendo que suas ações e pensamentos influenciam na conexão da “casa comum” com os demais seres não humanos (flora, fauna e seres espirituais-religiosos).

Durante os seminários, a constante defesa pela ecologia integral teve como objetivo contrapor as redes de relações interdependentes que começaram a ser destruídas quando o pensamento humano quis alcançar o poder de criação de Deus, de forma a buscar a dominação da natureza e supervalorizar o domínio da técnica. Esse desequilíbrio resultou no cenário ambiental e climático atual, o qual pensa o cuidado como exceção, ou seja, como algo a ser feito quando o problema já está vigente (Taddei, 2024). Essas reflexões propõem transcender dicotomias entre natureza e cultura, não como dogmas religiosos, mas como potencialidade para construir realidades em comunhão com os seres vivos, entendidos como o “próximo” nos discursos proferidos. Assim, a água que simboliza a vida e os milagres, também pode ser doença e destruição, caso os comprometimentos nos acordos feitos por meio das palavras, dos cantos, das rezas e dos (re)encontros não sejam levados a sério (Ingold, 2019).

Nesse contexto, o processo de rematriar [10] as brasilidades (Júnior; Zardo, 2021) busca, por meio da presença e construção coletiva junto dos povos tradicionais como os indígenas e quilombolas, além dos movimentos sociais, a descentralização da posição humana da criação, de modo a compreender que

A Terra é a matriz do mundo. Nessa perspectiva, a ecologia é uma confrontação com a pluralidade, com os outros além de mim, visando a instauração de um mundo em comum. É a partir da instauração cosmopolítica de um mundo entre os humanos, juntamente com os não humanos, que a Terra pode se tornar não apenas aquilo que se partilha mas também aquilo que se tem “em comum, sem possuir de fato. (Ferdinand, 2022, p. 39)

Nessa mesma lógica, o processo reivindicado pela Romaria destaca a regeneração, de forma a situar que não há reparação alguma que pague os modos de vidas roubados, os batismos e rituais de cura realizados no rio, as plantas medicinais que cresciam em suas margens e a intimidade com



as águas. As conexões dessas relações espirituais-religiosas, que não podem ser mensuradas por valores financeiros ou bens materiais, fazem parte da integralidade dos aspectos subjetivos e ontológicos de cada sujeito em suas comunidades. Durante o evento, o agir no mundo se reintegra com os diferentes corpos e lutas dos sujeitos atingidos, como o Rio Doce, a mãe Terra, os mártires nos cartazes, o Jesus Cristo e tantas outras manifestações humanas e não humanas presentes.

Com o lema: “No princípio, o Espírito pairava sobre as águas”, a sexta edição da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce teve sua missa de encerramento ocorrida na praia, no encontro das águas, perto da foz e em frente ao mar, de modo a celebrar e restituir a inscrição de uma nova história com a fincada da cruz ao final da cerimônia. Esse ato simbólico tem o significado de recordar que naquele local ocorreram inúmeras mortes ao mesmo tempo que marca o lugar com a memória do movimento e da mobilização.

A gente transforma esse espaço em um grande santuário do povo. Então o povo vem para essa grande Romaria, neste santuário que é a água, que é a Terra e que é um santuário de luta. Essa é também uma diferenciação: não apenas rezar, mas também fazer denúncias, mas também anunciar o que nós temos de luta e de experiências exitosas nesse contexto, especificamente da bacia do Rio Doce. (Lucimere Leão, Cáritas Itabira, 2023, n.p.).

Nesse sentido, é por meio dessa condição existencial de seres hídricos, ou seja, da dependência da água para dar continuidade às vidas (Júnior; Zardo, 2021) que a Romaria se insere como uma produção de sentidos que unem as pessoas para além dos territórios que sediam o ato em torno de um elemento comum (Souza, 2016): celebrar a vida e denunciar a violação causadora de mortes. Isso, conseqüentemente, possibilita uma abertura a outras sensibilidades de co-habitar no mundo, pois soma a luta desempenhada com a fé para transmitir e reforçar valores essenciais para a continuidade do engajamento no cotidiano (Rollemberg, 2021) honrando as memórias dos territórios banhados por tantas águas e histórias.

Considerações finais

Apesar do caráter polissêmico das romarias (Souza, 2016), desde as cartas-convites até as mobilizações feitas ao longo das seis edições da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce fica nítido a sua inserção ao movimento das romarias martiriais [11] (Rollemberg, 2021) que



interpelam, sensibilizam e extraem compromissos com os sujeitos envolvidos. A demarcação é feita nos solos caminhados ano a ano em memória de cada um dos territórios assolados pela mineração e demais atividades exploradoras. A destruição dos modos de vidas e a imposição das reinvenções nas formas de conviver no mundo em destroços após rompimento, destacaram a ação da Romaria não apenas como uma manifestação religiosa, mas sim como uma ação política de enfrentamento ao não esquecimento do crime programado pela mineradora Samarco e suas acionistas Vale e BHP Billinton, de modo a mobilizar a esperança nutrida pela fé em reforço à luta por justiça e regeneração.

Contudo, esse movimento não foi uma construção isolada no tempo, visto que as conexões sensíveis com o mundo são motivadas por contextos históricos, sociais e culturais de compartilhamento com as águas. Esse elemento proporciona a continuidade das vidas e são responsáveis por originar práticas espirituais-religiosas em diversas comunidades, conferindo intimidade e significações para as ambiências ao redor. Assim, a atuação da Igreja Católica simboliza nesse ritual-mobilizador um tipo de agregação eventual com diferentes cosmologias comprometidas em prol dos mananciais hídricos. Dessa forma, o passado extinto pela lama e o futuro incerto não são vistos como impotência, já que o valor inestimável das águas se entrelaça a significação do presente da fé, da arte, das festas e rezas atravessados pelo sonho coletivo da regeneração e justiça para todos os seres que compartilham da experiência terrena em condições precárias (Tsing, 2022).

Bibliografia

ALVES, Cláudia de Fátima; SANTOS, Padre Enzo dos; SILVA, Rosilene Gonçalves da. Uma festa espiritual. **A Sirene**. Mariana, p. 11-13. ago. 2020. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/edi__o_52_-_agosto_de_2020_-_a_sirene. Acesso em: 05 fev. 2025.

BALLESTERO, Andrea. CAPACIDADE DA AGREGAÇÃO: Compromissos, água e uma forma de cuidado coletivo no nordeste do Brasil. **Revista Culturas Jurídicas**, S.I., v. 11, n. 5, p. 1-25, ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/culturasjuridicas/article/view/45098/28908>. Acesso em: 03 dez. 2024.

BRASIL, Cebs do. **Carta da 4a Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce**. 2019. Disponível em:



<https://www.cptnacional.org.br/acoes/romarias/117-romarias-2019/4756-carta-da-4-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce>. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRASILEIRA, Cáritas. **5a edição da Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce**. Disponível em:

<https://caritas.org.br/noticias/5a-edicao-da-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce>. Acesso em: 13 jan. 2024.

BRITO, Amanda K. **Relatório Final do subprojeto: Humanos e não-humanos: para um debate acerca das relações entre afetados pelo crime-desastre da Samarco e o Rio Doce a partir de materiais textuais, imagéticos e audiovisuais – PIIC/UFES**. 2022. 19p. Disponível em:

<https://anaisjornadaic.sappg.ufes.br/desc.php?&id=20619>. Acesso em: 21 fev. 2025.

CÁRITAS, Comunicação. **ROMARIA DAS ÁGUAS E DA TERRA DA BACIA DO RIO DOCE: “POR UM RIO DOCE VIVO, LIMPO E SEM FOME!”**. 2023. Disponível em:

<https://ati.caritasitabira.org.br/2023/06/26/romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce-po-r-um-rio-doce-vivo-limpo-e-sem-fome/>. Acesso em: 29 out. 2023.

COMUNICAÇÃO. **2a Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce acontece em junho**. 2017. Disponível em:

<https://www.cbhmanhuacu.org.br/noticias/2a-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce-acontece-em-junho>. Acesso em: 10 jan. 2024.

CREADO, Eliana S. J. Agregados orgânicos e inorgânicos na foz do rio Doce (e) em publicações científicas. **Revista de Antropologia da UFSCar**, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 160–188, 2023. DOI: 10.52426/rau.v14i1.411. Disponível em:

<https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/411>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CREADO, Eliana Santos Junqueira; HELMREICH, Stefan. Uma onda de lama: viagem de águas tóxicas, de Bento Rodrigues ao Atlântico brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 69, p. 33–51, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i69p33-51. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145632>. Acesso em: 13 mar. 2025.

DORNELAS, Padre Nelito. **Carta da Primeira Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce**. 2016. Disponível em:

<https://diocesevaladares.com.br/carta-da-primeira-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce/>. Acesso em: 07 jan. 2024.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Editora Ubu, 2022. 320p.



FOSTER, Ana Beatriz; TONIOL, Rodrigo. Espiritualidade Incorporada: pesquisas médicas, usos clínicos e políticas públicas na legitimação da espiritualidade como fator de saúde. **Mana**, [S.l.], v. 29, n. 3, p. 1-6, 2023. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/1678-49442023v29n3e2023047.pt>.

GABRIEL, Frei Augusto Luiz. **Romaria das Águas e da Terra: “Por um Rio Doce vivo, limpo e sem fome”**. Disponível em:
<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-06/franciscanos-do-brasil-romaria-das-aguas-e-da-terra.html>. Acesso em: 30 out. 2023.

GILVANDER, Frei. **3ª Romaria das Águas e da Terra da Bacia do Rio Doce: que beleza profética!** 2018. Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/579709-3-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce-que-beleza-profetica>. Acesso em: 11 mar. 2025.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em:
<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, cap. 3; p. 70-95, 2015.

INGOLD, Tim. **Sobre levar os outros a sério; Repensando o social; Antropologia para o futuro**. In: **Antropologia para que serve?**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, cap. 1; 4-5, 2019.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, [S.l.], v. 18, n. 37, p. 25-44, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832012000100002>.

ITABIRA, Comunicação Cáritas Diocesana de. **A 6ª Romaria conclui o processo iniciado em 2016, com a realização de romarias que percorreram toda a extensão da Bacia do Rio Doce**. 2023. Disponível em:
<https://ati.caritasitabira.org.br/2023/06/26/romaria-das-aguas-e-da-terra-da-bacia-do-rio-doce-po-r-um-rio-doce-vivo-limpo-e-sem-fome/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LEMOS, Carolina T. ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E SAÚDE: UMA ANÁLISE LITERÁRIA. **Revista Caminhos** - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 2, p. 688–708, 2019. DOI: 10.18224/cam.v17i2.6939. Disponível em:
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6939>. Acesso em: 12 mar. 2025.



MATIAS MOREIRA, J. Os afetos como parte da natureza humana . Revista Conatus - **Filosofia de Spinoza** (ISSN 1981-7509), [S. l.] , v. 12, n. 22 - Ano, p. 45–53, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/10736>. Acesso em: 6 fev. 2025.

OYĔWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 537p.

PEDRO, Silva. Lava-pés como expressão de amor e serviço aos irmãos e irmãs (Jo 13,1-15). **Teopraxis**, [S.L.], v. 4, n. 8, p. 1-11, 25 out. 2024. Faculdades Católicas - Departamento de Teologia. Disponível em: <https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2024v4n8A06>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ROLEMBERG, Igor. Ritual, emoções e engajamento militante: a produção em ato da mística na romaria dos mártires da floresta em Nova Ipixuna/PA. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 64, n. 2, p. e186656, 2021. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2021.186656. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/186656>.. Acesso em: 23 maio. 2025.

ROCHA, Dom Geraldo Lyrio; SILVA, Pe. Edmar José da; MARTINS, Pe. Geraldo. **Andar com fé**. A Sirene, p. 12-13, set. 2021. Disponível em: https://issuu.com/jornalasirene/docs/edi_o_65_-_setembro_de_2021_-_jornal_a_sirene. Acesso em: 05 fev. 2025.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164p.

SILVA, Bianca. **“A lama que rolou de cima”**: Alguns desdobramentos sociopolíticos e sociotécnicos sobre as águas do rio Doce e do Oceano Atlântico na região da foz, após o rompimento da barragem de Fundão-MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

SILVA, Moisés Pereira da. **Igreja católica e movimentos sociais no campo nas décadas de 1950 e 1960**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: Associação Nacional de História, 2015. p. 1-14. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1433480349_ARQUIVO_AIGREJACATOLICAEOSMOVIMENTOSSOCIAISNOCAMPO-TRABALHOCOMPLETO.pdf. Acesso em: 10 mar. 2025.

SOUZA, Edimilson. 2016. “Crônicas da morte revividas na luta: uma etnografia da Romaria dos Mártires da Caminhada em Ribeirão Cascalheira (MT), Brasil”. **Etnográfica** (Lisboa, Online), 20 (2), 339-362. <https://doi.org/10.4000/etnografica.4306>

SUL, CNBB Regional. **Arquidiocese de Mariana em favor dos atingidos pelo rompimento das barragens**. 2015. Disponível em:



<https://cnbbsul1.org.br/arquidiocese-de-mariana-em-favor-dos-atingidos-pelo-rompimento-das-barragens/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

TADDEI, Renzo. **O Antropoceno exige pensar o cuidado de novas formas**. Encontros de cultura & saúde. Como a antropologia da saúde pode ajudar a pensar o SUS hoje? a. Superintendência Estadual do Rio de Janeiro. Brasília. Ministério da Saúde. 2024.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177–201, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 23 maio. 2025.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo**. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. 2022. São Paulo: n-1 edições. 412 p.

WELLINGTON. **7a Romaria das Águas e da Terra da Província Eclesiástica de Mariana e das Dioceses da Bacia do Rio Doce Reúne Milhares em Naque/MG**. Disponível em: <https://cnbbleste2.org/2024/06/7a-romaria-das-aguas-e-da-terra-da-provincia-eclesiastica-de-mariana-e-das-dioceses-da-bacia-do-rio-doce-reune-milhares-em-naque-mg/#:~:text=No%20domingo%2C%20dia%2016%20de,da%20bacia%20do%20Rio%20Doce>. Acesso em: 04 ago. 2024.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/06/2025

[1] Mestranda no Programa Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo e graduada em licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais pela mesma instituição. Email: amanda.k.brito@edu.ufes.br

[2] Apesar de recorrente, o uso dessa terminologia é político, visto que entende-se o rompimento como (ir)responsabilidade das empresas mineradoras envolvidas, a qual a Samarco se destaca. Assim, a negligência com as manutenções exigidas em relatórios e continuidade de violações de direitos configuram um cenário de ilegalidade e situam o crime antes de seus desdobramentos desastrosos.

[3] A Igreja Católica Romana possui uma estrutura administrativa-organizacional planejada em diferentes dimensões. A diocese é uma dessas categorias, a qual trata-se de uma área geográfica administrada por um bispo e reúne um conjunto de igrejas e suas congregações, chamadas de paróquias. As regiões com maior extensão ou prestígio acumulado com o tempo são designadas Arquidioceses e são chefiadas por arcebispos, os quais zelam por sua diocese e também ajudam a governar as dioceses vizinhas.

[4] A discussão sobre natureza e cultura na antropologia contemporânea tem sido profundamente influenciada pela virada ontológica, marcada a partir do final da década de 1990, a qual questiona a tradicional separação entre esses conceitos. Autores como Bruno Latour, Donna Haraway, Anna Tsing, Tim Ingold, Marisol de la Cadena, Eduardo Viveiros de Castro e Philippe Descola propõem perspectivas que enfatizam a interconexão e a coexistência entre humanos e



não humanos, rejeitando dicotomias rígidas. Essa abordagem destaca a importância das relações simbióticas e das múltiplas formas de existência, reconhecendo que as categorias culturais e naturais se entrelaçam em redes complexas de agência e co-produção do mundo.

[5] “As Confrarias eram associações informais formadas pela união de grupo de pessoas leigas e tinham como o objetivo fazer caridade. Quando passavam a se constituir formalmente, como pessoas jurídicas, registradas e reguladas por estatutos, eram chamadas de Irmandades.” (Silva, 2021). SILVA, Arnaldo. Confrarias e Irmandades – Porque tantas Igrejas em Minas? 2021. Disponível em: <https://helderprimo.com.br/confrarias-e-irmandades-porque-tantas-igrejas-em-minas/>. Acesso em: 29 jan. 2025.

[6] Trata-se de uma abordagem teológica cristã que possui um olhar crítico sobre a realidade social e busca se engajar para defender os direitos dos oprimidos e promover justiça frente a desigualdades, opressões e violências.

[7] O Movimento dos Atingidos por Barragens tem uma longa história de resistência, lutas e conquistas. Nasceu na década de 1980, por meio de experiências de organização local e regional, enfrentando ameaças e agressões sofridas na implantação de projetos de hidrelétricas. Mais tarde, se transformou em organização nacional e, hoje, além de fazer a luta pelos direitos dos atingidos, reivindica um Projeto Energético Popular para mudar pela raiz todas as estruturas injustas desta sociedade. O MAB possui uma organização que conta com a participação e protagonismo coletivo em todos os níveis com o objetivo de organizar os atingidos por barragens (antes, durante ou depois da construção dos empreendimentos). Para saber mais, acesse: <https://mab.org.br/quem-somos/>

[8] As mensagens trazidas nessa carta papal possuem grandes efeitos de reintegrar as esferas da vida humana com a natureza, visto que na formação do mundo moderno a separação entre natureza e cultura foi um dos pilares para perpetuar a exploração. Assim, os ensinamentos passados por meio de uma ideia de cultura ecológica visa explicar a interdependência humana com as variadas formas de vida e expressões que o circunda, de modo a conectar esses saberes com a teologia da criação e o propósito humano na Terra propagado por ela: “amar o próximo como a si mesmo”. Isso, conseqüentemente, envolve o cuidado e o reconhecimento da vulnerabilidade da vida, quando esta não se articula em comunhão, coletividade.

[9] 5a Romaria das Águas e da Terra da bacia do rio Doce. Conceição do Mato Dentro/Mg: Frei Gilvander, 2022. (81min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBuKgSgMSUA>. Acesso em: 16 jan. 2024.

[10] Rematriar refere-se a uma contraposição aos modelos de significação impostos pela colonialidade. Assim, a ideia de rematriação pressupõe trazer uma figuração feminina e ancestral que contrapõe ao patriarcado operado, de modo a valorizar os povos originários e suas relações com o cosmos presentes nas águas, terra, bichos e plantas como formadores da Mãe Terra.

[11] Esse tipo de romaria é definida pelo autor como um modo de garantir perenidade a ações coletivas que visam fazer denúncia de questões sociais que envolvem a violação de direitos e fazer memória com objetivo de que a luta daqueles que tiveram suas vidas ceifadas por conflitos [socioambientais] não seja esquecida.